

Craig Keener, Matthew, Aula 1, A Confiabilidade dos Evangelhos

© 2024 Craig Keener e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Craig Keener sobre o livro de Mateus, sessão 1, A Confiabilidade dos Evangelhos.

Meu nome é Craig Keener e sou casado com Médine Moussunga Keener, do Congo. Escrevi alguns comentários sobre o Evangelho de Mateus, e é por isso que me pediram para fazer esta série de ensino sobre Mateus.

Mas também devo informar que em Mateus 23 diz para não chamar ninguém de rabino porque você tem um professor, até mesmo Jesus. E esse é o professor sobre o qual aprenderemos em particular no Evangelho de Mateus. Mas antes de começarmos o Evangelho de Mateus em si, temos que apresentar os Evangelhos, que são literalmente, o significado do evangelho são boas novas, e é disso que tratam os Evangelhos.

E essa frase, boas novas, vem de Isaías 52:7, bem como de uma série de outras passagens, mas é especialmente Isaías 52:7 que é mencionado no Novo Testamento. Como são lindos nas montanhas os pés dos mensageiros que trazem notícias, que anunciam a paz, que trazem boas novas, que anunciam a salvação, que dizem a Sião, o teu Deus reina. Neste contexto, trata-se da restauração do povo de Deus e do cumprimento de todas as promessas de Deus, incluindo, em última análise, um novo céu e uma nova terra.

E no ministério de Jesus essa restauração começou a se cumprir. E também veremos isso ao examinarmos o evangelho de Mateus. Essa é uma ênfase muito forte porque Jesus é aquele que traz restauração, aquele que salvará o seu povo, de acordo com Mateus 1:1. Agora, o significado está principalmente na narrativa de Mateus, mas primeiro precisamos examinar algumas questões históricas.

Se você perguntar quão importantes são as questões históricas, bem, sabemos que elas são importantes para os ministros. Visto que aos superintendentes é confiada a obra de Deus, eles precisam ser irrepreensíveis e apegar-se firmemente à mensagem confiável, conforme foi ensinada, para que possam encorajar outros por meio de ensino sólido e refutar aqueles que se opõem a ele. E assim, por outras palavras, precisamos de estar prontos para articular a fé e ser capazes de defender a fé quando as pessoas levantam desafios contra ela.

Há vários deles que examinaremos antes de realmente começarmos a estudar o evangelho de Mateus como uma introdução aos evangelhos e à confiabilidade histórica dos evangelhos. Uma das objeções que tem sido levantada frequentemente

no Ocidente, mas que às vezes é citada fora do Ocidente, é algo chamado Seminário de Jesus, que votava com bolinhas de gude quais declarações de Jesus eram autênticas. Agora, na verdade, pelo que entendi, só votaram com bolinhas de gude quando a mídia estava presente porque era uma forma de chamar a atenção da mídia.

Mas, em qualquer caso, eles pensavam que a maioria das palavras de Jesus não eram autênticas, e muitos meios de comunicação ocidentais citaram-nas porque pareciam ser dignas de notícia. E isso tem sido verdade em diversas produções televisivas e assim por diante que podem ter sido citadas em outras partes do mundo. Agora, em termos da maioria dos estudiosos do Novo Testamento, essa não é a posição da maioria dos estudiosos do Novo Testamento.

Mas se alguém na sua congregação lhe perguntasse sobre o programa, o que você responderia? Você poderia dizer, bem, você não deveria ter uma televisão. Na verdade, você teria mais tempo para estudar se não o fizesse, talvez. Ou apenas acredite no que quiser.

Essa é uma resposta ocidental comum. Ou, bom, se os alunos dizem, deve ser verdade porque eles estudaram muito tempo e eu não prestei atenção. Ou você pode dizer, eu desisti.

Vou encontrar uma carreira diferente. Ou você pode tentar encontrar algumas respostas razoáveis. Tem havido uma série de tentativas de oferecer respostas razoáveis e, na verdade, os estudos convencionais oferecem respostas razoáveis.

Mas também aqueles que têm particular razão em defender a veracidade dos Evangelhos. Você tem Craig Evans, Darrell Bach, Ben Witherington, eu, Craig Blomberg e outros. Do que chamaríamos de estudos mais centristas, estudiosos que não podem, eles estão partindo do que podem demonstrar historicamente.

E então, você sabe, coisas que estão na história, você não pode provar tudo na história porque aconteceu há muito tempo e algumas das evidências ainda não existem. Mas há evidências suficientes de que os principais estudiosos que trabalham apenas com evidências históricas ainda apresentam uma quantidade substancial de coisas que sabemos sobre Jesus a partir dos Evangelhos, uma quantidade bastante substancial. Alguns estudiosos são céticos e partem de uma premissa cética porque, desde o Iluminismo, a academia no Ocidente nutre um preconceito contra a Bíblia, em grande parte porque nutre um preconceito contra milagres.

Foi assim que tudo começou. Então, falaremos sobre milagres daqui a pouco. Mas quando você conhece pessoas que são influenciadas por esse tipo de ideia, elas podem ser pessoas treinadas dessa maneira.

Podem ser pessoas que estão apenas procurando desculpas, às vezes para não acreditar. E então, eles citam algumas coisas populares na Internet. Por onde começamos? Como podemos responder a isso? Bom, antes de mais nada, olhamos para a questão do gênero.

Gênero é o tipo de escrita que algo é. Agora, isso não resolve todos os problemas, mas é um bom lugar para começar. É como quando você tem um martelo, para que serve um martelo? Bem, você pode usá-lo como arma.

Você pode usá-lo como batente de porta. Mas basicamente, a forma como um martelo é projetado e o propósito de seu design são evidentes em seu design. Ele foi projetado para martelar pregos, ou pelo menos o tipo usual de martelo de que falamos.

Então, qual é o gênero dos Evangelhos? O que eles foram projetados para fazer? Algumas pessoas dizem, bem, os Evangelhos são únicos. Bem, há um sentido em que os Evangelhos são únicos porque falam de uma pessoa única. Mas embora Jesus fosse único, temos que fazer uma pergunta mais ampla.

Bem, quando você tem um trabalho como este sobre uma determinada pessoa histórica, como foi chamado? E nos tempos antigos, assim como nos tempos modernos, isso era chamado de biografia. Agora, a maioria dos estudiosos hoje, em contraste com talvez há 30 anos, estão de acordo com a maioria de vocês ao longo da história, que é que os Evangelhos são biografias. Isso foi argumentado por vários estudiosos, principalmente por Richard Burridge em uma dissertação publicada por Cambridge.

Bem, quando perguntamos se são biografias, ao longo da maior parte da história, as pessoas presumem que os Evangelhos foram vidas. Em grego, bio, biografias de Jesus. Mas em 1915, alguns estudiosos notaram que os Evangelhos não eram como as biografias ocidentais modernas e, portanto, alegaram que não eram biografias.

No entanto, até agora, a maioria dos estudiosos decidiu que a igreja estava certa o tempo todo e que eram biografias. Às vezes é preciso ter cuidado porque, por uma ou duas gerações, tivemos alunos que aprenderam que não são biografias e saíram pensando isso e então os acadêmicos mudaram de ideia. Mas voltando às evidências disso, os Evangelhos são biografias, mas são biografias antigas, não biografias modernas.

E esse foi o motivo da confusão. As biografias modernas geralmente estão em ordem cronológica. Isso não era necessário nas biografias antigas.

Na verdade, a maioria deles foi organizada topicamente. Então, quando você tem eventos às vezes em uma sequência diferente em Mateus e Lucas, isso não é um problema. Na verdade, Mateus em particular, o Evangelho que vamos examinar em detalhes, organiza as coisas por tópicos.

Mateus gosta muito de organizar as coisas por tópicos para que seja mais fácil pregar. Normalmente, as biografias modernas começam com o nascimento da pessoa ou muito cedo. As biografias antigas não precisavam disso.

Mateus e Lucas começam com o nascimento de Jesus. Mas Marcos, depois da pregação de João Batista, começa basicamente com o ministério público de Jesus. Bem, muitas biografias antigas começaram com a carreira adulta da pessoa.

Então, novamente, isso não é surpreendente. Os Evangelhos se enquadram no gênero das biografias antigas. A biografia era quase o único tipo de trabalho focado em um único personagem.

As biografias se enquadravam em uma extensão muito particular, que é também a extensão que temos nos Evangelhos. E uma biografia não serve apenas para elogiar a pessoa. Às vezes, as biografias elogiavam uma pessoa.

Às vezes eles criticavam uma pessoa. Normalmente, eles faziam um pouco de cada. Obviamente, se você estiver escrevendo sobre Deus em carne e osso, será positivo.

Mas os biógrafos não eram obrigados a dizer apenas coisas positivas. E você lê Suetônio, você pode ver que geralmente há uma mistura em biografias antigas. As biografias eram principalmente uma espécie de escrita histórica, ao contrário do que disse um dos meus professores.

Na verdade, durante meu primeiro doutorado em Evangelhos, o professor disse que o Evangelho de Marcos é uma biografia antiga, as biografias antigas eram fictícias e, portanto, o Evangelho de Marcos era fictício. Agora, o problema não estava na lógica do seu argumento. Foi com a informação dele.

Ele alegou que as biografias eram fictícias. E levantei essa questão com ele depois. Eu disse, bem, a maioria das biografias antigas, na verdade, eram escritas históricas.

E entrei em alguns detalhes explicando isso, o que também foi observado por vários classicistas e assim por diante. E no final da minha explicação, ele disse, bem, não sei. Não sei nada sobre biografia antiga.

Isso não quer dizer que você nunca ouça seus professores. Como sou professor, gosto de professores. Mas é para dizer: nem sempre acredite em tudo que todo mundo lhe diz.

Você tem que voltar e verificar as informações. Mas estou tentando fornecer a melhor informação que tenho disponível. E eu realmente li biografias antigas.

Li todas as biografias de Plutarco, Suetônio e outras biografias antigas. Então, não estou agindo como aquele professor. O gênero não resolve todas as questões históricas, mas transfere o ônus da prova.

Porque se algo era uma biografia antiga, isso significa que se tratava de um personagem histórico e se tratava de informação histórica. Você não tem romances escritos sobre alguém na história recente. Os romances geralmente tratam de personagens inteiramente fictícios.

Mas quando os romances são ocasionalmente sobre personagens reais, de vez em quando na história antiga, e quando não eram romances, o que também era raro, eram sobre alguém que viveu há muito tempo, e não sobre alguém que viveu no passado recente. O que temos nos Evangelhos não poderia ser um romance. Só poderia ser uma biografia antiga.

Os romances careciam de fontes claras. Eles não tinham prólogos ou prefácios históricos como Lucas tem. E em termos de ensinar lições de moral, como fazem os Evangelhos, na antiguidade, os romancistas geralmente não tentavam ensinar lições de moral.

Historiadores e biógrafos tentaram regularmente ensinar lições morais, políticas e, às vezes, teológicas através de suas obras. E é isso que encontramos novamente nos Evangelhos. Agora você pode dizer, bem, os Evangelhos são divertidos de ler.

E algumas pessoas disseram, bem, olha, os romances são emocionantes, são aventureiros. Mas isso também se aplica às biografias antigas. Eles foram feitos para serem divertidos de ler.

A diferença entre romances, historiografia e biografia era que a historiografia e a biografia deveriam ser não apenas divertidas, mas também informativas. Eles foram feitos para ensinar com base em informações reais. Bem, admitindo que os bons biógrafos eram substancialmente precisos, isto é, estavam lidando com acontecimentos.

Quão precisos eles eram nos detalhes? Bem, é aqui que o gênero não resolve o problema porque depende do biógrafo específico. Biógrafos específicos podiam ter considerável liberdade nos detalhes, embora não lhes fosse permitido inventar acontecimentos. Então, como avaliamos casos particulares? Bem, uma pergunta é: eles estavam escrevendo sobre o passado recente ou sobre o passado distante? E a

outra questão é: até que ponto eles se apegaram às suas fontes? Portanto, podemos examinar ambas as questões.

Bem, que tipo de fontes os biógrafos costumavam usar? Ao escrever sobre o passado distante, muitas vezes admitiam que usavam lendas. No entanto, sempre que possível, citavam frequentemente um grande número de fontes variadas, pelo nome, e muitos avaliavam criticamente as suas fontes. Agora, às vezes, mesmo quando escrevem sobre um passado distante, eles podem ser muito precisos.

Podemos dizer isto novamente comparando as diferentes fontes, as fontes posteriores, as fontes anteriores, e assim por diante. Mas ao escrever sobre o passado recente, eles não pediram desculpas, bem, não temos como verificar essa informação. Ao escrever sobre o passado recente, muitas vezes consultavam testemunhas oculares ou consultavam aqueles que haviam consultado testemunhas oculares.

Eles dependiam daqueles que já haviam escrito sobre essas coisas antes deles. Então, quando eles escrevem sobre o passado recente, a geração anterior ou duas, normalmente são muito precisos. E isso pode ser testado, e eu trabalhei e testei isso em vários casos.

Agora, como essas obras foram compostas? Bem, normalmente um escritor que não fosse uma testemunha ocular começaria com uma fonte principal. Às vezes, até mesmo uma testemunha ocular poderia usar outra fonte. Então, algumas pessoas dizem, bem, como Mateus poderia usar Marcos se Mateus fosse uma testemunha ocular? Você sabe, há um debate sobre se Mateus era o que chamamos de Mateus.

Mas mesmo que Mateus fosse a testemunha ocular, ele ainda poderia usar Marcos, assim como Xenofonte, alguns séculos antes, ao escrever um relato de algo que ele próprio experimentou. Ele foi um dos líderes desta expedição, mas também usa uma fonte anterior porque essa pessoa já havia publicado antes dele e todos esperavam que você usasse essa fonte. Eles entrelaçariam outras fontes em torno de sua fonte principal, e a obra seria então lida publicamente em pequenos círculos de amigos ou, às vezes, em banquetes ou em leituras públicas.

E então, com base no feedback que receberiam das pessoas que estavam ouvindo, eles iriam, especialmente sobre, bem, você poderia ter formulado isso melhor e assim por diante, eles o revisariam. Agora, em termos de métodos de publicação, tamanho significava despesa. Portanto, a publicação de documentos longos exigia financiamento.

Quando você pensa, por exemplo, na carta de Romanos, na carta de Paulo aos Romanos, 16 capítulos, poucas cartas antigas eram tão longas. Essa foi uma carta cara. Um estudioso, Randy Richards, calcula que na moeda dos EUA teria custado

cerca de US\$ 2.000 apenas para ter o papiro e, normalmente, para ter alguém escrevendo esse documento.

Bem, o evangelho de Mateus é duas vezes mais longo que isso. Então, este foi um grande empreendimento. Isso não foi algo que alguém escreveu de cabeça.

Isso é algo em que ele pensou. Ele praticou na frente de grupos de pessoas. E então, finalmente, a versão final é escrita e começa a circular.

E foi um grande empreendimento. Os evangelhos são os chamados documentos fundamentais. São grandes obras literárias, não algo escrito de cabeça.

Cada um era um livro em termos antigos. Pensamos na Bíblia como um livro. É uma coleção de livros.

Na antiguidade, os livros só podiam ser longos ou, você sabe, o pergaminho não os segurava muito bem ou você teria um pergaminho de tamanho muito estranho. Mateus é do tamanho de um pergaminho muito grande. Em termos de meios de publicação, novamente, as obras seriam distribuídas em banquetes e leituras públicas.

Os ouvintes interessados podem solicitar e pagar pelas suas próprias cópias. Alguém alfabetizado poderia copiá-lo à mão, se quisesse. Naquela época, a produção em massa significava uma sala cheia de escribas tomando ditados.

Se alguém lesse um documento, todos o estariam escrevendo. Isso foi o mais próximo que conseguiram chegar da produção em massa de uma obra. Se uma obra ganhasse boa reputação, gerava mais leituras e mais procura do público.

Para os primeiros crentes, a forma como isso teria acontecido presumivelmente seria nos ambientes da igreja primitiva. Muitas leituras públicas na antiguidade aconteciam em banquetes. Bem, o banquete da igreja primitiva era a Ceia do Senhor como parte do serviço religioso.

Havia uma série de confiabilidade histórica na história e na biografia, como apontei para aquele professor e ele reconheceu isso depois. Plutarco e Tito Lívio conseguiram apimentar um pouco as coisas, especialmente porque escreviam sobre pessoas de um passado distante. Mas Tácito e Suetônio foram historiadores e biógrafos que escreveram sobre o passado mais recente.

Eles se apegaram muito aos seus fatos. Às vezes, e principalmente quando escreviam sobre alguém de quem não gostavam, eles contavam todas as sujeiras que todo mundo dizia sobre essas pessoas. Mas eles se apegaram muito às suas fontes.

E então você tem Josefo. Josefo era um... Estes eram historiadores romanos. Josefo foi um historiador judeu do primeiro século e estava em algum lugar entre, digamos, Plutarco e Tito Lívio, por um lado, e Suetônio e Tácito, por outro.

Em sua autobiografia, Josefo se faz parecer suspeitamente bom. Ele resume as guerras judaico-romanas como se fossem quase um acidente. E, no entanto, quando se trata de detalhes, a arqueologia muitas vezes o confirma, confirma-o até aos detalhes das estruturas do porto de Cesaréia Marítima.

Isso o confirma em estruturas específicas em Jerusalém. Isso o confirma até a cor da tinta na parede do quarto de Herodes. Não sei como Josefo teve acesso ao quarto de Herodes, mas, de qualquer forma, ele tinha boas fontes para tudo isso.

E em seus detalhes, ele poderia ser bastante preciso. Em termos de padrões históricos, o que era esperado? Os antigos exigiam que os historiadores lidassem com os fatos. Eram, especialmente os historiadores de elite, o que os escritores do Novo Testamento não são, mas os historiadores de elite estavam muito interessados em retórica.

Eles estavam muito interessados em moldar as coisas de uma forma que comunicasse bem ao seu público. Em termos da classe baixa, eles estavam muito interessados em moldar as coisas de uma forma que se adaptasse às boas técnicas de contar histórias. Mas os eventos tinham que ser reais.

A questão era exatamente como você iria apresentá-los. E você pode fazer isso com qualquer história verdadeira hoje. Eu fiz isso e outros também o fizeram, escrevendo suas próprias biografias ou biografias de outras pessoas.

Para torná-lo interessante basta escolher as informações mais interessantes. Você conta isso de certas maneiras que destacam o suspense. Existe uma técnica de contar histórias.

Você pode interromper em um determinado ponto e retomar em outro. A maneira como você organiza o material atrai o leitor. Bem, a retórica era permitida, mas o excesso suscitava críticas.

E o mesmo aconteceria com a narrativa. As biografias permitiam um pouco mais disso do que a história em si, mas tinham que se basear em informações precisas. Novamente, a diferença entre romances e história.

Lukian foi um orador no século II e um satírico. Ele escreveu muitas sátiras. Mas ele disse que os bons biógrafos devem evitar a lisonja que falsifica os acontecimentos e que apenas os maus historiadores elaboram dados.

Plínio, o Jovem, foi um estadista e político no início do século II. E ele disse que o que distingue a história é a sua preocupação com fatos precisos. Portanto, não são apenas os historiadores que se vangloriam do seu próprio ofício.

Foram outras pessoas que também reconheceram isso. Agora, Políbio era um historiador que escrevia antes da época do Novo Testamento. E ele diz que a história deve atribuir elogios e culpas de acordo com as ações de cada um.

Em outras palavras, se você vai dizer algo bom ou ruim sobre alguém, é melhor que seja verdade. Mais uma vez, Plínio, o Jovem, enfatiza que você pode usar a retórica, desde que sua base sejam fatos. Além disso, Aristóteles foi um filósofo que escreveu alguns séculos antes do Novo Testamento.

A diferença entre poesia e história não é a sua forma. Você poderia escrever a história em versos, mas seu conteúdo. A história deve lidar com o que aconteceu, não apenas com o que pode acontecer.

Em termos de biografias de personagens recentes, mantiveram-se próximos de suas fontes. O objetivo deles não era inventar coisas. É bem diferente dos romances.

E posso dar aqui um exemplo concreto, que é de Suetônio. Ele é um historiador romano que escreveu no início do século II. Ele está escrevendo sobre o imperador romano, Otho.

Comparei-o com relatos do historiador romano Tácito e do biógrafo grego Plutarco, que também escreveu sobre Otão. Agora, você pode não ter ouvido falar de Otho. Você já deve ter ouvido falar de Augusto César.

Augusto viveu muito mais tempo e teve uma máquina de propaganda melhor. Mas Otho foi um imperador de vida muito curta. Então, esta foi uma breve biografia.

Foi fácil para mim comparar. E assim como as pessoas comparam Mateus, Marcos e Lucas, comparei esses diferentes escritores no que disseram sobre Otão. E o que encontrei foi mais ou menos o que você encontra nos Evangelhos.

Você encontra muita sobreposição. Cada um é distinto. Mas você encontra uma sobreposição considerável, embora este escritor quisesse enfatizar este ponto, este escritor quisesse enfatizar esse ponto.

Encontrei cerca de 50 pontos de correspondência entre Suetônio e cada um dos outros dois autores, e também vários outros pontos de correspondência. Mas tenha em mente que a biografia de Otão escrita por Suetônio tem apenas 28 parágrafos. São apenas cerca de 2.000 palavras.

Tem cerca de um quinto da extensão do Evangelho de Marcos. Portanto, se Marcos estivesse usando o mesmo tipo de método histórico que Suetônio estava usando como biógrafo, poderíamos esperar que, se tivéssemos os mesmos tipos de fontes, poderíamos encontrar talvez 250 pontos de correspondência apenas no breve Evangelho de Marcos. Marcos tem metade do comprimento de Mateus.

Então, o que estou dizendo sobre tudo isso é que quando voltamos e realmente testamos a biografia antiga com outras fontes disponíveis da época, todas essas biografias foram escritas aproximadamente no mesmo período de tempo que Marcos escreveu depois da época de Jesus. Quando você os compara, mostra que os biógrafos antigos estavam interessados em informações históricas. Eles não estavam inventando coisas de cabeça.

E deveríamos ser capazes de confiar que os Evangelhos nos fornecem informações históricas consideráveis, mesmo que não partimos de um ponto de partida cristão. Estávamos apenas começando como historiadores, examinando os dados, analisando os dados e dizendo, bem, o que podemos saber sobre Jesus? E acredito que isso deve nos levar a acreditar em Jesus. Mas, em qualquer caso, admitindo que os biógrafos fossem substancialmente precisos, até que ponto eram precisos em todos os seus detalhes? Bem, foi aí que os estudiosos começaram a explorar o que chamamos de metodologias histórico-críticas.

E não vou gastar muito tempo com isso porque muitas vezes são abordados em outro lugar. Mas você os encontrará se tiver acesso aos comentários, você os encontrará. São questões como crítica de fonte, histórico de recursos, histórico de formulário e histórico de redação.

Histórico de origem. Os historiadores do século 19 começaram a examinar os Evangelhos em busca de suas fontes. Agora, algumas pessoas dizem, bem, a Bíblia é a palavra de Deus.

Nunca seria uma fonte. Nunca usaria fontes. Mas se você realmente olhar os textos bíblicos em todos os lugares, verá que eles usam fontes.

Quero dizer, você tem o livro das Guerras do Senhor. Está escrito no livro de Jasar. E Primeiro e Segundo Crônicas remetem o leitor a uma obra de Reis, que não é o nosso Primeiro e Segundo Reis, mas refere-se a isso cerca de 10 vezes.

E Primeiro e Segundo Reis referem-se a um livro de Crônicas, não ao nosso livro de Crônicas, mas mais de 30 vezes. Bem, os Evangelhos alguma vez usam fontes? Lucas diz que muitas fontes eram conhecidas por ele. Muitos se comprometeram a fazer um relato das coisas que se cumpriram entre nós.

Muitos não significam apenas uma pessoa. Isso não significa apenas duas pessoas. Muitos significa que, no momento em que Lucas está escrevendo, muitas pessoas já escreveram sobre essas coisas.

Bem, isso é uma boa notícia para nós. Isso significa que os escritores dos evangelhos não estavam simplesmente inventando coisas. Eles estavam fazendo o que bons biógrafos deveriam fazer.

Eles dependiam das fontes que estavam disponíveis para eles. Agora, eles não podiam copiar as coisas da maneira que fazemos hoje. Eles não tinham copiadoras.

Eles não tinham, certamente, Internet. Eles não tinham scanners. Eles não tinham todas essas coisas que temos hoje.

Eles não tinham editoras. Mas quase todos reconhecem que Mateus, Marcos e Lucas estão intimamente relacionados. Você pode ver isso quando vê quanto cerca de 90% do evangelho de Marcos também aparece de alguma forma em Mateus.

Noventa por cento de seus relatos também aparecem em Mateus. E isso é significativo porque lembre-se do que João diz. João diz que o próprio mundo não poderia conter todos os livros que seriam escritos sobre Jesus.

Agora, isso pode ser uma hipérbole, um exagero retórico para chamar sua atenção. Mas a questão é que muitas coisas poderiam ser ditas sobre Jesus. E ainda assim, Mateus conta muitas das coisas que Marcos contou.

Por que? Provavelmente Mark é uma das fontes que ele usa. Agora, nem todos os estudiosos concordam com isso. Vários estudiosos pensam que Mateus escreveu primeiro.

E há razões para isso. Mas a maioria dos estudiosos pensa hoje que Marcos é o primeiro dos nossos evangelhos que sobreviveu, que ele obteve a informação de Pedro, é o que diz a tradição antiga. E que Jesus é obviamente a fonte.

Então você tem tradição oral e talvez notas. Mark ouviu isso de uma das testemunhas oculares. Há também material que alguns estudiosos chamam de Q. É material que está em Mateus e Lucas e que não foi obtido de Marcos.

Ele se sobrepõe. E depois outras fontes que não temos mais disponíveis. Mateus tem todos esses tipos de fontes nas quais pode recorrer.

E Lucas tem todos esses tipos de fontes nas quais pode recorrer. Agora, o que é importante lembrar sobre isso não são todos os detalhes, mas apenas que a maioria dos estudiosos pensa que Mateus e Lucas usaram Marcos e também algum outro

material compartilhado que os estudiosos chamam de Q. Os estudiosos debatem sobre exatamente como era Q. E não vamos entrar em tudo isso.

Mas essa é a grande maioria dos estudiosos, tanto liberais quanto conservadores e todos os demais. Mas, novamente, nem todos são estudiosos. Agora, acredito que Mateus usou Marcos por vários motivos.

Uma delas é que Mateus exhibe padrões consistentes na forma como abrevia Marcos. Lucas certamente limpa a gramática de Marcos para um público mais sofisticado. É muito improvável que Mark tivesse mudado a gramática para um tipo diferente de público.

Além disso, quando Mateus cita o Antigo Testamento, ele o cita fazendo sua própria tradução ou usando alguma outra tradução que não a tradução grega padrão, exceto quando usa material de Marcos. Marcos sempre cita a tradução grega padrão. Mateus usa a tradução grega padrão sempre que se sobrepõe a Marcos.

Então, novamente, essa é uma razão para pensar que Mateus está usando Marcos. Agora, o que eu penso, isso novamente não é o que todo mundo pensa, mas Papias, escrevendo no início do século II, ele diz que primeiro Mateus escreveu a Logia, que muitas vezes pode significar oráculos ou ditos do Senhor. E Marcos escreveu o que ouviu de Pedro.

Acho que Mateus provavelmente escreveu muitas das palavras de Jesus. Poderia ser algo que chamamos de Q, esse material compartilhado por Mateus e Lucas. Mas então Mateus também foi capaz de incorporar parte do material narrativo que dependia da autoridade de Pedro, uma vez que o evangelho de Marcos foi publicado sob a autoridade de Pedro.

Agora, Lucas e Mateus, embora eles se sobreponham, há certos lugares onde eu acho que eles teriam escrito de forma diferente se Mateus tivesse o evangelho finalizado de Lucas ou se Lucas tivesse o evangelho finalizado de Mateus. Então, novamente, essa é outra longa história. Mas só para dizer, não precisamos especular sobre todas essas coisas, como as pessoas às vezes fazem, como seria Mateus antes de editar Marcos e assim por diante.

Muitas dessas coisas não sabemos, e os estudiosos gostam de explorar coisas que não sabemos, e não há nada de errado nisso. Mas, para efeitos práticos, sabemos o suficiente para prosseguir com o nosso estudo dos evangelhos. Alguns outros estudiosos do século XIX e início do século XX, depois de lidar com a crítica das fontes, concentraram-se na crítica da forma.

Existem várias formas literárias distinguíveis nos evangelhos. Temos, obviamente, parábolas e vários tipos diferentes de declarações de Jesus. Ai de você, Cafarnaum, é mais como um oráculo.

Mas os críticos da forma tentaram determinar algo sobre como este material foi usado na pregação da igreja primitiva e tentaram determinar que material poderíamos rastrear de forma mais confiável até Jesus na sua forma atual. Às vezes eles usavam argumentos que na verdade não eram muito bons, mas às vezes usavam argumentos que os historiadores poderiam usar. Por exemplo, se tivermos material ou tipo de material que não é atestado apenas em uma fonte, é atestado, digamos, no material compartilhado entre Mateus e Lucas, mas também é atestado em Marcos.

Por exemplo, Jesus contou parábolas. Jesus falou sobre o reino. Isso é algo que os historiadores diriam, bem, isso está muito bem atestado.

Mais uma vez, penso que o critério do constrangimento é um critério bastante bom. E algo que a igreja primitiva não gostaria de dizer, não gostaria de inventar. Por exemplo, a igreja não teria inventado que Jesus fosse crucificado sob a acusação de ser rei dos judeus, porque isso significava que ele foi executado pela acusação de alta traição.

Qualquer pessoa no Império Romano que o seguisse poderia ser considerada traiçoeira. Isso não é algo que você gostaria de inventar. Você também não gostaria de compensar o batismo de Jesus por João Batista, que pregava um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados.

Agora, Jesus não faz isso porque precisa ser perdoado, mas Jesus se identifica com seu povo naquele batismo. E, novamente, você provavelmente não gostaria de inventar Jesus dizendo: Pai, não seja feita a minha vontade, mas a tua. Ou Jesus dizendo, ninguém sabe o dia nem a hora, nem mesmo o sol.

Essas são coisas que a igreja primitiva provavelmente não gostaria de inventar. Há também o critério do ambiente palestino ou do ambiente da Judéia e da Galiléia. Isto é, há muitas características nos Evangelhos que se enquadram no ambiente de Jesus, mas não no ambiente de uma igreja posterior.

Bem, os historiadores não diriam que essas coisas foram inventadas. Agora, do ponto de vista da fé, aceitamos essas coisas. Você sabe, nós confiamos nos escritores dos Evangelhos.

Às vezes você precisa simplesmente confiar. Os estudiosos às vezes trabalham com o que chamamos de hermenêutica da suspeita. E quando eu estava trabalhando nisso para um dos meus livros sobre estudos sobre Jesus histórico, você sabe, eu estava

apenas usando o método acadêmico para dizer: OK, aqui está o mínimo crítico que os historiadores podem dizer.

Isto não quer dizer que é tudo o que realmente acreditamos, porque todos reconhecem que o mínimo crítico do que se sabe a partir dos métodos históricos não é tudo o que aconteceu. E que se você tiver uma fonte confiável, você pode contar com ela. Mas eu entrei tanto nesse método que minha esposa me dizia algo e eu dizia a ela: você pode me dar provas dessa afirmação? Agora, posso garantir que, bem, não sei, talvez a sua cultura seja diferente, mas certamente tive problemas por causa disso.

E o que eu tive que enfrentar é que se você tem uma fonte confiável, nem sempre precisa de evidências externas. Essa fonte em si é uma evidência. E precisamos levar isso muito a sério, especialmente quando descobrimos que essa fonte é confiável em outros casos.

Existem pontos fracos nessas abordagens críticas de forma tradicional. E isso foi especialmente quando eles costumavam dizer, bem, você sabe, se não se enquadra nesse critério, então não é preciso. Por exemplo, tentaram usar o critério da dissimilaridade.

Se algo era dito frequentemente por outros professores judeus, eles diziam, bem, então se é atribuído a Jesus, não sabemos se Jesus realmente o disse. Pode ter sido emprestado de outras pessoas. Ou se a igreja posterior concordou com isso, então eles disseram, bem, então Jesus talvez não tenha dito isso porque a igreja posterior pode ter inventado isso para ele.

Agora, se os meus alunos concordassem com algumas coisas que eu disse, deveríamos então dizer que eu nunca disse essas coisas porque os meus alunos concordaram com elas? Esse é o perigo desse tipo de abordagem. Ou se acontecer de eu concordar com algumas coisas que alguns outros estudiosos disseram, isso significaria que eu realmente não as disse, que elas foram apenas emprestadas de outros estudiosos? Portanto, esse critério que foi usado contra a confiabilidade dos Evangelhos, na verdade, caiu no esquecimento pela maioria dos estudiosos. Geralmente não é usado.

E muitos dos critérios que as pessoas usavam, Rudolf Bultmann usou muitos critérios em meados do século XIX para falar sobre como as tradições foram expandidas ou contraídas. Mas EP Sanders, em 1969, mostrou que estes eram falhos. Por exemplo, veja Bultmann, que concordou que Mateus usou Marcos.

Mas Mateus, ele disse, você sabe, as fontes posteriores expandem as fontes anteriores. Mateus frequentemente condensa as histórias de Marcos. Portanto, não funciona nem mesmo segundo os critérios do próprio Bultmann.

Portanto, a maioria dos estudiosos se moveu contra isso. Os tipos populares de coisas que você vê na Internet sobre temas sobre Jesus sendo emprestados de religiões de mistério e assim por diante, nem sequer estão na conversa acadêmica. Isso é apenas imaginação das pessoas.

A maioria dos paralelos que as pessoas inventam são paralelos que tiraram de Jesus e leram nas religiões de mistério e estudaram as religiões de mistério. Estas coisas ocorreram mais tarde, séculos mais tarde, quando as religiões de mistério estavam tomando emprestado do Cristianismo porque era popular. E alguns deles nem sequer são da antiguidade.

Na verdade, muitos deles são formados apenas por pessoas modernas na Internet. De qualquer forma, os estudiosos passaram para o que foi chamado, na década de 1970, passaram para o que foi chamado de história da redação, história da edição. Então, você tem essas fontes diferentes.

O que você faz com eles? Quero dizer, como isso ajuda você na pregação, por exemplo? Se Mateus tem algo em Marcos, se ele muda o texto, o que isso nos diz? Como Mateus está pregando a partir de Marcos? Como Lucas está pregando a partir de Marcos? E se Matthew fizer uma mudança específica de forma consistente, talvez possamos aprender com isso. Por exemplo, Mateus fala do reino dos céus. Marcos fala do reino de Deus.

Mateus usa o reino de Deus apenas quatro ou cinco vezes. Em todos os outros lugares ele muda a expressão, o reino dos céus. Por que é que? Isso nos ensina algo teológico? Ou talvez seja apenas Matthew que está colocando isso de uma forma mais familiar para seu público.

Mark estava escrevendo para um público provavelmente em Roma ou em algum lugar parecido. O público de Marcos inclui muitos gentios que não teriam ideia do que significava o reino dos céus. Então, Mark meio que traduz para seu público.

Mateus pode traduzi-lo de volta para um público judeu. São coisas que podemos notar nas diferenças. Nem sempre sabemos porquê.

Mas os Evangelhos têm diferenças claras e inegáveis. Não deixe ninguém lhe dizer que eles não têm diferenças. Em Marcos, Jesus amaldiçoa uma figueira.

Ele entra e limpa o templo. Os discípulos de Jesus encontram a figueira seca. E então Jesus dá uma lição de fé.

Em Mateus, Jesus amaldiçoou uma figueira. A figueira secou imediatamente. Jesus dá uma lição de fé e depois purifica o templo.

Agora, isso significa que Jesus amaldiçoou duas figueiras, e uma delas secou imediatamente e a outra já havia secado quando elas voltaram? E Jesus dá a mesma lição de fé nas duas vezes? Às vezes, os discípulos demoravam para conseguir as coisas, mas normalmente não são lentos. Meu pensamento aqui é que Matthew está apenas fazendo o que costuma fazer. Ele organiza as coisas em uma sequência lógica.

Agora, Mark também nos diz algo. Quero dizer, Jesus amaldiçoa uma figueira como uma parábola encenada e depois entra e limpa o templo, que tem folhas, mas não tem frutos, em certo sentido. Eles não estão produzindo o fruto do arrependimento.

Eles não estão produzindo o fruto de servir a Deus. Mas no caso de Matthew, ele gosta de organizar as coisas de uma forma muito organizada. E, novamente, o que vimos anteriormente é normal em biografias antigas.

Biografias antigas faziam isso o tempo todo. Isso não é um problema. Isso é apenas parte do gênero.

Poderíamos comparar passagens paralelas com o reino de Deus e o reino dos céus e assim por diante. A história editorial ou a história da redação apenas pergunta por quê. Por que foi feita uma mudança específica? O problema foi que alguns dos primeiros críticos que fizeram críticas à redação levaram isso longe demais.

Eles tentaram explicar tudo com base em Marcos e Q, e presumiram que qualquer coisa que não pudessem obter dessas fontes devia ter sido inventada, como se essas fossem as únicas fontes que existiam naquela época, só porque essas são as únicas fontes que temos hoje. Além disso, eles disseram que qualquer coisa que se encaixe no estilo do escritor deve ter sido inventada apenas pelo escritor. Os escritores colocam as coisas em seu próprio estilo o tempo todo.

Essa era uma prática padrão na literatura antiga. Luke muda o estilo de Mark quando ele usa Mark. Então, essas coisas não foram muito acertadas por parte dos críticos da redação.

Além disso, a propósito, isso ficará mais interessante à medida que prosseguirmos. No momento, esta é a parte do curso que é mais tediosa, talvez, se não for algo em que você esteja particularmente interessado. O resto do curso ficará mais emocionante.

Mas eu só queria lidar com essas coisas porque são coisas padrão que são tradicionalmente tratadas, pelo menos nas classes ocidentais e assim por diante. Mas não vou gastar muito tempo com eles. Diferenças não significam falta de confiabilidade.

Freqüentemente, há diferenças entre os historiadores antigos e, ainda assim, os historiadores modernos as utilizam para obter informações históricas. Eles não presumem que isso seja um problema. Lutero não presumiu que isso fosse um problema quando lia os Evangelhos.

Outro problema com a crítica da redução é que nem todas as mudanças são motivadas teologicamente. Lucas limpa a gramática de Marcos, como mencionamos. Mateus torna a linguagem de Marcos mais precisa quando descreve Herodes Antipas não como um rei, mas como um tetrarca, ou especialmente o descreve dessa forma.

O Reino dos Céus é uma forma de relacioná-lo ao público de Mateus. Além disso, Mateus às vezes abrevia Marcos devido a restrições de espaço. Em Marcos, o paraplético é baixado ao telhado e Jesus perdoa seus pecados e o cura.

Em Mateus, Jesus perdoa seus pecados e o cura, mas não menciona o telhado. Isso significa que, teologicamente, Mateus é contra a destruição da propriedade privada? Acho que provavelmente Mateus deixa isso de fora por causa do espaço, e ele está condensando e chegando ao ponto teológico principal da narrativa. A paráfrase era um exercício retórico padrão na antiguidade.

Ao recontar relatos, você deveria ser capaz de contá-los com suas próprias palavras. Assim, os cépticos e os defensores mal informados cometem por vezes o mesmo erro, assumindo que diferenças na redacção ou na sequência significam que a substância é imprecisa. Isso não se ajusta ao que sabemos sobre o gênero da biografia ou historiografia antiga.

Mas o maior problema com a crítica da redacção era esse. O que um escritor inclui é tão importante quanto o que um escritor adapta. Então, se estou contando uma história que minha esposa me contou, não importa apenas o que eu mudo na história dela.

Também é importante o que escondo da história dela. Quero dizer, estou contando a história dela por um motivo. Então, hoje, a ênfase foi além de apenas olhar para o que um escritor muda, como se todos os leitores do evangelho de Mateus ou os ouvintes do evangelho de Mateus, porque normalmente uma pessoa o lesse e a congregação o ouvisse.

Não é apenas importante o que os ouvintes ouviriam mudado em Marcos, como se eles tivessem Marcos diante deles. Mas é importante como todo o evangelho de Mateus se encaixa, como todo o evangelho de Marcos se encaixa, e assim por diante. Então, traçando os temas através de um evangelho, e essa é a abordagem principal que vamos usar.

Não vamos nos concentrar principalmente nesses outros tipos de detalhes. Vamos nos concentrar principalmente no que Mateus tem a nos dizer e no que Mateus tem a nos ensinar. Agora, em termos da confiabilidade dos evangelhos, passamos para alguns pontos mais relevantes.

Quão confiáveis são os evangelhos? Você pode defender sua autenticidade? Voltando à questão histórica, aqui estão alguns pontos aos quais os estudiosos chegaram e que resistiram ao teste do tempo. Gênero, os evangelhos são biografias e, portanto, têm intenção histórica. Os evangelhos usam fontes escritas compostas logo após os eventos que descrevem.

Os evangelhos também têm sólida tradição oral proveniente de testemunhas oculares. Podemos ver isso em particular olhando para Lucas capítulo 1, versículos 1 a 4. Por causa de todos os evangelhos, Lucas é quem realmente nos dá sua metodologia, quem a expõe para nós no início. No versículo 1, descobrimos que ele usa fontes escritas.

Ele tem acesso pelo menos às fontes escritas. No versículo 2, ele tem acesso a fontes orais de testemunhas oculares. Ele usou isso.

No versículo 3, Lucas confirmou isso com suas próprias investigações. No versículo 4, Lucas não conseguiu inventar coisas porque o material já era amplamente conhecido na igreja primitiva. Agora, você não precisa se preocupar se não conseguiu entender tudo isso da primeira vez, porque esse é o meu esboço do que estou prestes a abordar com mais detalhes.

O namoro de Luke é muito questionável. A maioria dos estudiosos data Lucas entre 62 e 90. Agora, estudiosos conservadores tendem a namorar Lucas, bem, na verdade, estudiosos conservadores em toda essa faixa também.

Mas alguns estudiosos conservadores datam Lucas da década de 60. Alguns namoram com ele nos anos 70. Alguns até namoram com ele nos anos 80.

Existem alguns outros estudiosos que datam Lucas ainda mais tarde, uma minoria de estudiosos, normalmente não estudiosos conservadores. Mas em termos de antes de 62, os estudiosos geralmente não datam Lucas antes de 62 porque o livro de Atos na verdade termina por volta do ano 62. Mas em qualquer caso, Atos é o segundo volume de Lucas e Atos juntos.

Mas, no momento em que Luke escreve, vou apenas considerar uma data mediana de cerca de 75, que também é o intervalo que considero provavelmente correto. Mas você poderia ir de qualquer maneira. Pode ser na década de 60.

Alguns também defenderam isso. Poderia ser mais tarde também. Mas em algum lugar nessa faixa, estou considerando uma faixa média de cerca de 75.

Na época em que Lucas escreve, muitas pessoas já escreveram sobre Jesus. Vimos isso antes. Portanto, cerca de quatro décadas e meia após os eventos.

Agora, se alguém aparecesse e dissesse coisas que sabíamos há quatro décadas e meia, realmente não poderiam ter acontecido, coisas que sabíamos dos nossos pais. Os acontecimentos quatro décadas e meia antes de nós estão envoltos em amnésia? Alguns de nós, odeio dizer minha idade, mas alguns de nós tinham cerca de quatro décadas e meia atrás. E aqueles de nós que não eram, conhecemos pessoas que eram.

Então, isso está na memória viva das testemunhas oculares. Isso é algo que está na história e pode ser verificado. Lucas também fala da disponibilidade de fontes orais no versículo dois.

Ele diz, assim como essas fontes nos foram transmitidas por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. E no contexto técnico sobre a tradição oral, a peridotomia, a transmissão da linguagem, tem a ver com o tipo de ensino cuidadoso que seria transmitido pelos professores aos alunos, digamos, em escolas filosóficas ou assim por diante, onde se esperava que eles continuassem. o ensino do professor. Agora, tenho aqui uma foto de Anna Gulick, minha vizinha que agora tem, creio, 96 anos.

E a Anna, mesmo sendo dos Estados Unidos, mesmo que os Estados Unidos não sejam conhecidos por terem uma memória muito boa porque agora fazemos tudo no computador, mas a Anna tem 96 anos. Ela nasceu antes de tudo isso. Ela nasceu antes da televisão.

Ela nasceu antes, eu acho, antes do rádio, certamente antes de as pessoas usarem muito o rádio. Ela nasceu em uma época nos Estados Unidos em que as pessoas sentavam na varanda da frente e contavam histórias. E eles contariam histórias de família.

E ela se lembra de histórias de sua família que remontam ao século XVIII. E consegui voltar e verificar algumas dessas informações com fontes externas. Assim, a tradição oral em culturas que valorizam a tradição oral pode ser transmitida com precisão durante centenas de anos.

E isso tem sido verdade mesmo em algumas culturas que não o valorizam hoje, mas que o valorizaram no passado. Agora, quão preciso é depende da cultura e das pessoas que o transmitem. Mas quão precisa foi a transmissão oral? Bem, aqui está um esboço do que vou abordar sobre esse assunto.

Precisamos olhar para a memorização na antiguidade. Precisamos olhar para coleções de notas e ditos e evidências do ritmo aramaico nos Evangelhos e da proeminência de testemunhas oculares na igreja. Vou focar principalmente na memorização na antiguidade porque é nessa parte que normalmente meus alunos ainda não sabem sobre isso, ainda não têm informações sobre isso.

Geralmente não é incluído em outros livros didáticos e assim por diante. Mas o período exclusivamente oral, quando a informação era transmitida apenas oralmente antes de ser escrita, não pode ser mais longo do que o período entre o ministério público de Jesus e a escrita de Marcos. Esse é o máximo que pode ser.

E, em média, os estudiosos costumam datar isso em cerca de 40 anos. Poderia ser muito menos que isso. Nós não sabemos.

Mas, em média, os estudiosos costumam datar isso em cerca de 40 anos. Isso não significa que a tradição oral ainda não continuasse. Papias, no início do século II, diz que isso ainda continuava em sua época.

E na verdade ele gostava mais da tradição oral do que dos Evangelhos escritos. Mas seja como for, o período exclusivamente oral antes de as coisas começarem a ser escritas não pode ser superior a uma geração. Em termos de quão precisas as memórias poderiam ser, os contadores de histórias de memorização poderiam contar histórias por horas.

Vou fazer isso com mais detalhes também. Oradores, uma das cinco tarefas básicas da oratória era poder memorizar seu discurso e repeti-lo de memória. Às vezes, esses discursos duravam algumas horas.

O ensino fundamental enfatiza a memorização. Discípulos de professores, essa era sua principal responsabilidade. Eles deveriam ser capazes de transmitir o que o professor lhes dizia.

Muitas vezes estas coisas seriam escritas dentro de uma ou duas gerações desta tradição oral, às vezes até antes. E novamente, no caso dos Evangelhos, não sabemos qual foi o mais antigo. Mas sabemos que não pode ser posterior a Marcos, que foi escrito.

Em termos de contar histórias, isso não acontecia apenas entre pessoas instruídas que conseguiam se lembrar dessas histórias. Muitos bardos analfabetos, pessoas que não sabiam ler nem escrever, podiam recitar toda a Ilíada e a Odisséia. São dois livros bastante longos.

Quero dizer, em termos antigos, a Ilíada tem 24 livros. E esses antigos bardos que eram desprezados pelas pessoas como incultos, desprezados pela elite como incultos, poderiam repeti-los de memória. E às vezes eles podiam mudar um pouco no desempenho, mas sempre voltavam à mesma história básica.

Isso eles tinham de cor. Agora, em termos de memórias cuidadosamente treinadas, vou dar um exemplo extremo. Isso não pretende ser mediano, mas apenas mostrar o quão importante era a mnemônica ou a memorização das coisas na antiguidade.

Sêneca, o Velho, disse, você sabe, quando eu era jovem, minha memória era muito melhor do que é agora. Quando eu era jovem, conseguia repetir 2.000 nomes exatamente na sequência em que acabei de ouvi-los. Eu poderia recitar até 200 versos que me foram dados ao contrário.

Ele disse, bem, agora que estou velho, minha memória não é tão boa, mas farei o meu melhor. E então ele prosseguiu em seu livro, *The Controversiae*, recontando longos trechos de mais de 100 discursos que ouviu de seus colegas de classe na escola de oratória uma geração antes. Então, décadas depois, ele repete, na velhice, esses discursos práticos que ouviu de seus colegas na juventude.

Agora, minha memória não é tão boa. Lembro-me na minha aula de homilética do que preguei. Não me lembro do que mais alguém pregou.

Mas Sêneca, o Velho, poderia fazer isso. Ele foi excepcional, mas há outros. Lemos sobre uma pessoa que ouviu um leilão o dia todo e, no final do dia, conseguiu repetir cada item que foi vendido, o preço pelo qual foi vendido e a pessoa a quem foi vendido, sem notas, apenas de memória.

Ou outra pessoa que foi a uma leitura de poesia. A pessoa que estava na frente estava lendo o poema, e a pessoa que estava atrás, no final da leitura, deu um pulo e disse: isso é plágio. Eu escrevi esse poema.

Você roubou meu poema. E a pessoa na frente gaguejava porque não sabia o que fazer. Como ele poderia provar que escreveu o poema? E então a pessoa atrás disse, não, só brincando.

Eu só queria mostrar como minha memória era boa. Acabei de memorizá-lo enquanto você lia. Então, ele provou, disse ele, posso provar que é meu porque ele recitou.

Mas ele o recitou porque o memorizou enquanto ouvia ser lido. Ele estava apenas se exibindo. Trata-se de uma ênfase na memória que excede em muito a ênfase na memória, pelo menos hoje no Ocidente.

Em algumas culturas, ainda damos grande ênfase à memória. Em alguns lugares onde as pessoas nem conseguem entender o árabe e conseguem recitar o Alcorão inteiro de memória. Essa é uma ênfase na memória que falta no Ocidente.

Mas em muitas partes do mundo as pessoas enfatizam mais a memória. É um presente valioso. Em termos de discursos, novamente, uma das cinco tarefas básicas dos oradores era ser capaz de memorizar o discurso.

Até discursos que muitas vezes duravam várias horas. E os alunos foram treinados para serem capazes de fazer isso. Agora, em termos de discípulos antigos, havia duas formas principais de educação avançada no mundo antigo.

Uma era a retórica, que era a oratória, falar em público profissionalmente. A outra era a filosofia. Isso foi entre os gentios.

Entre o povo judeu, é claro, a educação avançada concentrava-se particularmente na Torá e nas Escrituras. Discípulos antigos, memória e anotações. A memória foi mais eficaz na primeira a duas gerações.

Dentro da memória viva das testemunhas oculares, essas coisas seriam transmitidas cuidadosamente pelas testemunhas oculares. E aqueles que os consultaram e puderam fazer-lhes perguntas. Também foi transmitido com especial cuidado nos ambientes escolares.

Os alunos ensaiaram e transmitiram a mensagem do professor. Bem, ambos os fatores são relevantes para os Evangelhos. As igrejas não eram um ambiente escolar.

Esta tem sido uma questão de algum debate, mas as igrejas não eram um ambiente escolar. Mas a maioria dos seus líderes proeminentes, e basicamente todos concordam com isto, a maioria dos seus líderes proeminentes não eram apenas testemunhas oculares, mas eram discípulos de um professor. Jesus era claramente um professor.

Seus discípulos eram claramente discípulos. Os discípulos deveriam aprender os ensinamentos de seus professores e ser capazes de transmiti-los. Novamente, isso não exige que eles os transmitam literalmente.

A paráfrase era uma prática comum. Embora, como veremos, existam muitas características do ensino de Jesus nos Evangelhos que usam o tipo de palavras que teriam sido usadas na Galileia, e não o tipo de palavras que teriam sido usadas mais tarde. A característica mais proeminente da educação antiga era a memorização.

É muito proeminente e muito difundido no nível elementar. No nível básico, eles memorizavam as palavras de professores famosos. Então, novamente, isso fazia parte de uma cultura mais ampla.

E as pessoas que não tivessem essa educação ainda fariam parte de uma cultura onde a memorização era importante. Num nível mais avançado, no ensino superior, que começaria a partir do meio da adolescência, os discípulos de Jesus provavelmente estavam na maior parte da adolescência. O ensino superior incluiria a memorização para oradores, memorizando muitos discursos e passagens úteis para discursos.

Mas também, nas escolas filosóficas, você memorizaria os ensinamentos do fundador da escola ou memorizaria os ensinamentos do seu professor. Os ditos atribuídos aos fundadores das escolas gregas foram transmitidos pelos membros de cada escola de uma geração para outra. Os ensinamentos dos fundadores muitas vezes tornaram-se canônicos para suas comunidades.

E muitas vezes, então, os discípulos saíam e publicavam os ensinamentos dos seus professores. Vemos isso em diversas escolas filosóficas diferentes. Lukian, escrevendo no início do século II, falando sobre filósofos, fala sobre um estudante de filosofia ensaiando mentalmente as palestras do dia anterior.

Essa foi uma ênfase especial entre os pitagóricos. Os pitagóricos, segundo uma tradição que transmitiram, não podiam sair da cama pela manhã até que pudessem repetir tudo o que o professor lhes ensinara no dia anterior. Agora imagine, se o seu teste sobre o que estou lhe dando agora fosse amanhã de manhã, antes de você sair da cama, você teria que repetir tudo o que lhe ensinei.

Isso lhe daria uma grande habilidade de memorização. Bem, é claro, não estou testando você. A questão é que as pessoas realmente esperavam que os discípulos dos professores fossem capazes de repetir os ensinamentos dos seus professores.

Nem todo mundo foi tão longe quanto os pitagóricos, mas foi importante. E não foram apenas ditos. Também se tratava de ações.

Os professores agiriam de certas maneiras. Os discípulos diriam, bem, este deve ser um comportamento correto porque meu professor o fez. Então, às vezes havia rabinos que diziam, bem, eu sei que tal comportamento não pode ser contra a Torá, não pode ser contra a lei, porque o rabino fulano de tal costumava fazer isso.

Na verdade, há uma história contada no Talmud onde um rabino estava se preparando para passar algum tempo sozinho com sua esposa e encontrou um discípulo debaixo de sua cama. Ele disse, o que você está fazendo debaixo da minha cama? O discípulo respondeu que é dito que devemos aprender tudo com o

comportamento do nosso professor. Escusado será dizer que o discípulo teve problemas.

Mas o ponto principal da história é que os discípulos acreditavam que tinham que realmente aprender com o exemplo dos seus professores. E não era apenas a memória de uma pessoa. Assim como eu digo algo para uma pessoa, eles dizem para outra pessoa.

Chega a mil pessoas e, quando você voltar, é provável que alguém dessa cadeia tenha estragado tudo. Esta não é uma transmissão em cadeia. Isso é chamado de transmissão líquida.

Ou seja, não depende apenas de uma pessoa transmitir, mas de haver uma comunidade de discípulos. Todos eles ouviram os ensinamentos dessa pessoa. Se alguém publicasse algo ou dissesse algo que o professor dissesse e que realmente contradissesse o espírito dos ensinamentos do professor, seria imediatamente refutado por muitas outras pessoas.

Da mesma forma, se você estiver ensinando em uma sala de aula ou em uma congregação, haverá muitas pessoas que irão ouvi-lo. Algumas pessoas podem entender errado, mas espero que a maioria das pessoas entenda o que você disse. E então, esta é a memória comunitária, o que ajuda ainda mais.

Agora, em termos de anotações, não temos certeza se um discípulo fez anotações enquanto Jesus ensinava. Mas certamente é possível. Os discípulos frequentemente publicam os ensinamentos de seus professores.

Isso era esperado. Isso já acontecia há mais de meio milênio na época em que Jesus começou a ensinar. Isso era verdade em ambas as disciplinas avançadas.

Isso era verdade na filosofia e na retórica. Vou apenas dar um exemplo de retórica. Quintiliano era professor de oratória, professor de retórica.

Os alunos de Quintiliano, que eram meninos, tomavam notas tão cuidadosas em suas palestras que depois saíram e publicaram um livro em nome de seus ensinamentos, ao qual Quintiliano respondeu que, na verdade, isso estava correto. Na verdade, foi até preciso demais porque eles detectaram alguns dos meus erros gramaticais em suas anotações e eu gostaria que eles tivessem me deixado corrigi-los primeiro. Então, se você tomar nota do que estou dizendo agora, você é responsável pelo que diz.

Certifique-se de colocar seu nome nele também. Mas de qualquer forma, eles fizeram anotações muito precisas. Agora, os discípulos judeus tendiam a não tomar tantas notas devido à maior ênfase na oralidade.

Mas às vezes eles faziam algumas anotações como dispositivos mnemônicos para ajudá-los a lembrar blocos maiores de material. Entre os discípulos de Jesus, não sabemos sobre o nível educacional dos outros, embora os pescadores tendessem a estar em melhor situação do que os camponeses, do que a maioria das pessoas. Mas certamente um cobrador de impostos teria as habilidades necessárias para fazer tais anotações.

E a tradição cristã posterior, mais uma vez Papias sugere que, de facto, Mateus, um cobrador de impostos, tomou notas sobre os ensinamentos de Jesus e, em algum momento, publicou notas sobre os ensinamentos de Jesus. Não sabemos ao certo se ele os pegou naquela época ou talvez depois da ressurreição. Mas, de qualquer forma, essas coisas provavelmente estavam sendo escritas por alguém quando suas memórias ainda estavam frescas, porque isso era muito comum, especialmente depois.

Mas, novamente, na tradição judaica, onde eles não faziam anotações, não era porque diziam que não nos importamos com o que o professor dizia. É porque eles enfatizaram as habilidades de memória. Uma geração, duas gerações depois, pode ser diferente.

Mas nessa altura, no caso dos Evangelhos, sabemos que as coisas estão a ser escritas. Os discípulos judeus de Jesus, discípulos judeus pelo que sabemos das nossas fontes sobre eles, enfatizaram muito a memorização. Josefo nos diz que memorizar as escrituras era muito importante.

Então, a memorização era um grande problema. Um rabino elogiou um aluno como sendo uma boa caixa d'água que nunca perde uma única gota d'água, lembrando tudo o que o professor lhe ensinou. Agora, algumas pessoas dizem, bem, esta evidência de fontes judaicas é posterior aos Evangelhos.

A evidência de Josefo não é muito posterior. A evidência dos rabinos é muito posterior. Mas é consistente com todas as outras evidências que temos de fontes antigas.

Novamente, esta é apenas uma fatia de nossa evidência. Mas todas as nossas evidências juntas apontam na mesma direção. Então, se alguém chega e diz, bem, você não pode aceitar esta evidência, você não pode aceitar aquela evidência, e explica todas as evidências e diz, na verdade, a informação precisa é exatamente o oposto do que todos os nossos as evidências dizem, eu não daria muita credibilidade a esse argumento.

A evidência é que deveríamos esperar que os Evangelhos estejam repletos de informações sobre Jesus que foram preservadas com precisão, mesmo com base

puramente histórica. O que devemos esperar dos discípulos de Jesus? Por que deveríamos esperar que os discípulos de Jesus se mostrassem menos confiáveis do que outros discípulos de professores, quando praticamente todos os estudiosos concordam que ele era um professor de discípulos? Quando o material comum compartilhado por Mateus e Lucas provavelmente já estava circulando, enquanto algumas das testemunhas oculares ocupavam a liderança da igreja de Jerusalém, provavelmente apenas um único período de vida separou Jesus do último documento do Novo Testamento. O que isso nos sugere? Isso sugere que este não é um preconceito cristão que nos faz acreditar nisso.

Eu era ateu antes de me tornar cristão. Fui convertido ao cristianismo vindo de uma origem completamente não-cristã. E eu sou um cristão agora.

Começo agora com premissas cristãs. Mas se alguém não parte de premissas cristãs, está simplesmente olhando para evidências históricas da mesma forma que olharia para outros documentos. A minha convicção é que, se o fizerem de forma objectiva, chegarão à conclusão de que sabemos muito sobre Jesus, mesmo de um ponto de vista puramente histórico.

Agora, uma vez que você reconhece Jesus como Senhor, você tem ainda mais motivos para acreditar, porque sabe que ele comissionou os discípulos. Você sabe que essas pessoas estavam cheias do Espírito. Você sabe que estas são testemunhas confiáveis.

Mas mesmo para uma pessoa que não é cristã, temos aqui muitas evidências que deveriam sugerir-lhes que o que sabemos sobre Jesus é crível. E se isso for verdade, é um bom motivo para se tornar um cristão.

Este é o Dr. Craig Keener sobre o livro de Mateus, sessão 1, A Confiabilidade dos Evangelhos.